

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

176

INSCRIÇÕES 668-669



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UMA CUPA PERDIDA DE BRINCHES, SERPA
(*Conventus Pacensis*)

Tenho em meu poder, há largos anos, o apontamento que alguém me fez chegar (confesso já não saber quem) acerca do achamento de uma cupa. De vez em quando, antojando-se-me que determinado antigo aluno poderia calcorrear o terreno indicado, fui solicitando ajuda a este e àquele, na esperança de que, um dia, se chegasse a encontrar o monte e o monumento.

Em vão.

No (sempre fundado) receio de que o ‘papalito’ possa vir a perder-se e, com ele, a informação, decidi-me agora a transcrever o que lá vem escrito. Duas razões me levaram a isso: dar conhecimento desta diligência feita num tempo em que ainda não havia os meios a que, hoje, tão facilmente temos acesso; e, depois, porque informação tão pormenorizada poderá vir a suscitar o entusiasmo de alguém, desiderato que, repetidamente prosseguido por mim, nunca logrei ver concretizado.

Assino o texto para assumir dele a responsabilidade; anote-se, todavia, que sou mero transmissor do que me foi entregue. Passo ‘a limpo’ o que vem na pág. 1 da folha – e, por minha fê, garanto a fidelidade da cópia; digitalizo a página 2, porque, além de ter os desenhos, assim fica autenticado o testemunho. E até pode ser que haja quem reconheça a caligrafia!...

Assim se lê:

Qualquer popular na povoação de Brinches poderá indicar o caminho para Monte do Ourém.

Seguindo a estrada que de Brinches vai para Moura encontramos um desvio à direita em terra pisada, desvio esse que se ramifica. Indo pela bifurcação da direita rapidamente atingiremos o Monte do Ourém, propriedade de José Amaro Torres.

A visita ao local deu-se em 18 de Julho de 1971 e íamos acompanhados por Áurea Martins, Manuel Martins, António Baptista e Manuel Farinho.

Mesmo junto ao edifício da propriedade encontrava-se um cipo cupiforme destruído em parte por violadores de tesouros, esta peça provinha de perto da casa e tinha sido descoberta ao abrir-se um buraco para se plantar uma oliveira.

Tinha as seguintes medidas

c. de base – 47 cm

l. de base – 57 cm

h de base – 10 cm

l corpo – 36 cm

c corpo – 87 cm

raio – 22 cm

Por todo o campo apareciam à superfície fragmentos de *opus signinum*, *imbrices*, *tegulae*, etc.

Foi-nos oferecido um peso de rede pelo Sr. José Amaro Torres que disse também o ter encontrado quando arava o solo.

Fotografámos um fragmento numa mó que também se encontrava junto ao monte.

Aparece muito ferro à superfície.

O que detectámos [*ver reprodução em anexo*].

Louve-se quem teve o cuidado de tudo registar. Aqui fica, portanto, para que conste, ainda que, do ponto de vista epigráfico, nada mais se possa arquivar senão a informação da existência de uma cupa, mui provavelmente anepígrafa. Já do ponto de vista arqueológico, os dados fornecidos justificam, pelo menos, a indicação de que ali terão existido – ou existirão – abundantes vestígios de ocupação romana, quiçá, como é hábito, uma *villa*.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Trabalho as seguintes medidas

- C. de base - 41 cm
- l " " - 57 cm
- h " " - 10 cm
- l corpo - 36 cm
- C " " - 87 cm
- Raino - 22 cm



Foi todo o tempo apenas a ser feita fragmentos de opus sigillatum, mosaicos, tegulas, etc.

Foi nos oferecido um peso de teste pelo Sr José Amaro Torres que disse também o ter encontrado quando arava o solo fotografamos um fragmento de um mo que também se encontrava junto ao monte.

Aparece muito perto à superfície

O que detectamos:

